



Modalidade do trabalho: Relatório técnico-científico
Evento: 2011 SIC - XIX Seminário de Iniciação Científica

TRADIÇÃO E RECORDAÇÃO NA CONTRADIÇÃO DA LINGUAGEM¹

Mara Letícia Walter², Paulo Rudi Schneider³.

¹ Projeto de pesquisa realizado através do PIBIC/CNPq na Graduação em Filosofia.

² Estudante do Curso de Filosofia do Departamento de Humanidades. Bolsista PIBIC/CNPq. E-mail: marinhabeat@hotmail.com.

³ Professor do Departamento de Filosofia. Orientador. Líder do Grupo de Pesquisa: Linguagem e Hermenêutica. E-mail: adamy@unijui.edu.br.

Resumo

Os textos de Benjamin perpassam a ideia de que a vida espiritual do homem é a espécie da “totalidade de linguagem”. Todas as produções culturais, artísticas e científicas são expressões da espiritualidade humana. Portanto, também as áreas exatas têm como objetivo principal se expressarem objetivamente sem deixar de participar da totalidade. A linguagem como participação nunca será totalidade, pois representa a inesgotabilidade da essência espiritual. Quando se quer explicar algo através de uma linguagem absoluta, esta torna-se esquecimento de que isso também é participação em ocorrência, pois falamos da linguagem dentro da própria linguagem. Ao pensarmos o paradoxo da linguagem em Benjamin, estamos movimentando épocas passadas ainda presentes em forma de discursos e comportamentos que estão nas expressões linguísticas e gestos cotidianos. Esse estudo da “contradição da linguagem” é elaborado bibliograficamente, maneira que a tradição é mantida para estudos das épocas passadas. Qualquer tentativa de justificação será encontrada na linguagem, única forma de fazer “recordar”. A recordação, ou melhor, tradição é a principal forma de entender algo para além das repetições cotidianas, sendo o filósofo Walter Benjamin grande expressão daquilo que chamamos de “angústia filosófica”, na busca de compartilhar com o mundo de modo inseparável do mesmo. Para Benjamin, a manifestação artística é contraponto à linguagem objetivada e consideravelmente superior em sua expressão.

Palavras Chaves: Linguagem, Tradição e Experiência.

Introdução

Benjamin escreve primeiramente que a filosofia é, de fato, uma forma de prosa que dispensa a coerência dedutiva da ciência, e a sobriedade prosaica é o único estilo que convém escrever sobre filosofia. A escrita prosaica detém o leitor a cada frase, distanciando-se do objeto e forçando a reflexão (MURICY, 1999, p. 18). Escrevendo acerca da linguagem e experiência, o autor também criticou a conceituação kantiana de experiência, reduzida ao âmbito do conhecimento científico. Benjamin observa a insuficiência da visão de mundo pautada pelo “esclarecimento”, tão elaborada no iluminismo.





Modalidade do trabalho: Relatório técnico-científico
Evento: 2011 SIC - XIX Seminário de Iniciação Científica

Tratando-se das questões que envolvem a tradição, Benjamin retoma a questão da linguagem como comprometimento do sujeito naquilo que expressa, comprometendo também a natureza das coisas, ou seja, a essência espiritual. A linguagem representa a inescotabilidade dessa essência espiritual. Desse modo, a totalidade pressupõe a natureza participante, também em forma de linguagem. O autor critica o modo como se resolvem as questões relacionadas à tradição no projeto iluminista da modernidade, escrevendo:

Dos mais antigos usos dos povos parece vir a nós como uma advertência: na aceitação daquilo que recebemos tão ricamente da natureza, guardar-nos do gesto da avidez. Pois não somos capazes de presentear à mãe natureza nada que nos é próprio. Por isso convém mostrar reverência no tomar, restituindo, de tudo que desde sempre recebemos, uma parte a ela, antes que ainda de nos apoderar do nosso (BENJAMIN, 1989, p.151).

Método

Realizamos a pesquisa focando nas questões sobre linguagem, recordação e tradição, conceitos existentes nas obras do autor Walter Benjamin. Desse modo, os estudos foram efetivados através de pesquisa bibliográfica, na relação da temática com os textos: *Linguagem Geral e Linguagem dos Homens* e *Obras Escolhidas*. Esse estudo filosófico parte das questões imanentes que afetam diretamente as pessoas que se relacionam com a tradição de uma ou outra maneira. Para o estudo, a leitura de textos de Benjamin e seus comentadores foram fundamentais. Considerando a profundidade daquilo que escreve Benjamin, a pesquisa conta com grande acervo bibliográfico, contando também com as orientações do professor. Julgo necessário levar em consideração que a capacidade de entendimento, atenção e reflexão deva estar sempre ativada ao pretendermos pensar filosoficamente.

Resultados e Discussões

Quando nos afastamos da tradição, nos afastamos da própria historicidade. Benjamin compreende essa historicidade como um “resgate” das vivências fragmentadas pela indústria de entretenimento cultural e elaboração competente da propaganda. A experiência, em contraponto com as vivências é a condição de possibilidade de uma ação autoconsciente, e ao mesmo tempo, a sua impossibilidade.

Assim como todas as coisas que estão em um irresistível processo de mistura e impurificação perdem a sua expressão de essência, e o ambíguo se põe no lugar do autêntico, assim também a cidade. Grandes cidades, cuja potência incomparavelmente tranquilizadora e corroborante encerra o criador numa paz de castelo fortificado e é capaz de tirar dele, das forças elementares sempre vigilantes, mostram-se por toda parte vazadas pelo campo que penetra. Não pela paisagem, mas por aquilo que a livre natureza tem de mais amargo, pela terra arável, por estradas, pelo céu noturno que nenhuma camada vibrante de vermelho esconde mais. A insegurança mesma das regiões animadas acaba reduzindo o cidadão àquela situação opaco e cruel no mais alto grau, em que ele tem de acolher em si, sob as inclemências da planície desolada, os produtos da arquitetura urbana (BENJAMIN, 1989, p. 149).



Modalidade do trabalho: Relatório técnico-científico
Evento: 2011 SIC - XIX Seminário de Iniciação Científica

Através desse trecho do texto “Obras Escolhidas” de Benjamin, o autor discorre acerca da forma arquitetônica urbana das grandes cidades. Ele se percebe como parte de uma estrutura que não pertence mais a sua linguagem. Portanto, também não pertence à tradição. Quando a tradição não possui relevância no momento presente através das estruturas formais, ela torna-se viva na memória involuntária, tornando-se presente no instante.

Conclusão

Sabe-se que a rememoração (tradição) torna-se uma forma de sobrevivência para o homem através dos rituais. Os rituais realizam-se através da própria ciência, pois a ciência está sempre reelaborando a tradição. Sendo a ciência desenvolvida pelo homem, e homem linguagem, ciência é uma “forma” participação da linguagem, em seus modelos lógicos e/ou técnicos. Sendo desse modo, não pode tornar-se absoluta.

Para as questões que envolvem a universalidade do saber, e as relações que se estabelecem entre saber e poder, Benjamin analisa que a relação consigo mesmo está profundamente articulada pela relação com o mundo. Tanto o mundo como o indivíduo se transformam simultaneamente. O mundo não é um absolutamente outro, mas a relação entre aquele que se apropria e aquilo que é apropriado. (SCHNEIDER, 2011, P.43). Portanto, a linguagem humana tem um lado simbólico apontando para a não participação que lhe faz falta. Perceber a linguagem humana na sua queda enquanto símbolo é compreender sua contradição sempre presente. Em toda pronuncia, a contradição será pronunciada.

Tudo o que foi pronunciado, mesmo compreendido objetivamente, é expressão das possibilidades de percepção da participação. Sem que saibamos, estamos imbuídos de revelação no cotidiano. Revelação esta que se aproxima da questão religiosa. No conceito religioso, a revelação estaria na inviolabilidade da palavra. Isto significa dizer que o antigo conteúdo seria expressão participante. Benjamin considera a religião o retorno para a compreensão da participação efetiva em todo dizer. A religião não conhece o impronunciável, mas aposta no dizer do já sempre dito. Desse modo, podemos dizer que a religião aposta na recordação, ou seja, na tradição. A religião, do mesmo modo que a ciência, não pode tornar-se dogmática.

Nesse contexto, podemos entender que a linguagem está em constante movimento com o homem e a natureza. O homem é linguagem, portanto, participação, sendo o homem linguagem e natureza através da essência espiritual. Nesse movimento a tradição é sempre presente, nas descobertas científicas, na religião ou nas estruturas formais elaboradas para fundamentar conflitos, lutas de classes, descobertas milagrosas para as mais diversas doenças. Entretanto, na medida em que estudamos a tradição, nos percebemos em conflito com a nossa insaciável voracidade em vencer perdendo (no sentido pleno de nossa não-realização completa, mas como parte de um todo):

Uma vez degenerada a sociedade, sob desgraça e avidez, a tal ponto que ela só pode ainda receber os dons da natureza pela rapina, que ela arranca os frutos imaturos para poder trazê-los vantajosamente ao mercado e que ela tem de esvaziar toda bandeja somente para ficar saciada, sua terra empobrece e o campo trará más colheitas (BENJAMIN, 1989, p.151).



Modalidade do trabalho: Relatório técnico-científico
Evento: 2011 SIC - XIX Seminário de Iniciação Científica

Benjamin não nos adverte como um religioso padre nos falando de suas crenças particulares, mas como um pensador que percebe na tradição o sustentáculo para a segurança de nossas próximas colheitas, sejam elas quais forem.

Agradecimentos

Aos ideais que surgiram em mim durante a educação interiorana. Ao meu namorado, que faz com que esses ideais permaneçam. Ao Walter Benjamin, judeu alemão, que em seus textos me faz recordar as reflexões permanentes de meu avô, também alemão.

Referências Bibliográficas

BENJAMIN, Walter. Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre a literatura e história da cultura. Tradução: Sergio Paulo Rouanet. São Paulo SP: Brasiliense, 4 ed. 1989. 253 pag. (OBRAS ESCOLHIDAS, volume I).

MURICY, Kátia. Alegoria da dialética: imagem e pensamento em Walter Benjamin. 243 págs, Ed. Relume Dumará, 1999.

SCHNEIDER, Paulo Rudi. Notas sobre o conceito de Experiência em Walter Benjamin. Og. Cremonesi e Baptistela, André Roberto & Rogério. Sociedade Pós-moderna: Luzes e sombras. Nova Petrópolis: Nova Harmonia, 2011.